# Dom Quixote

DOCUMENTÁRIO N. 62

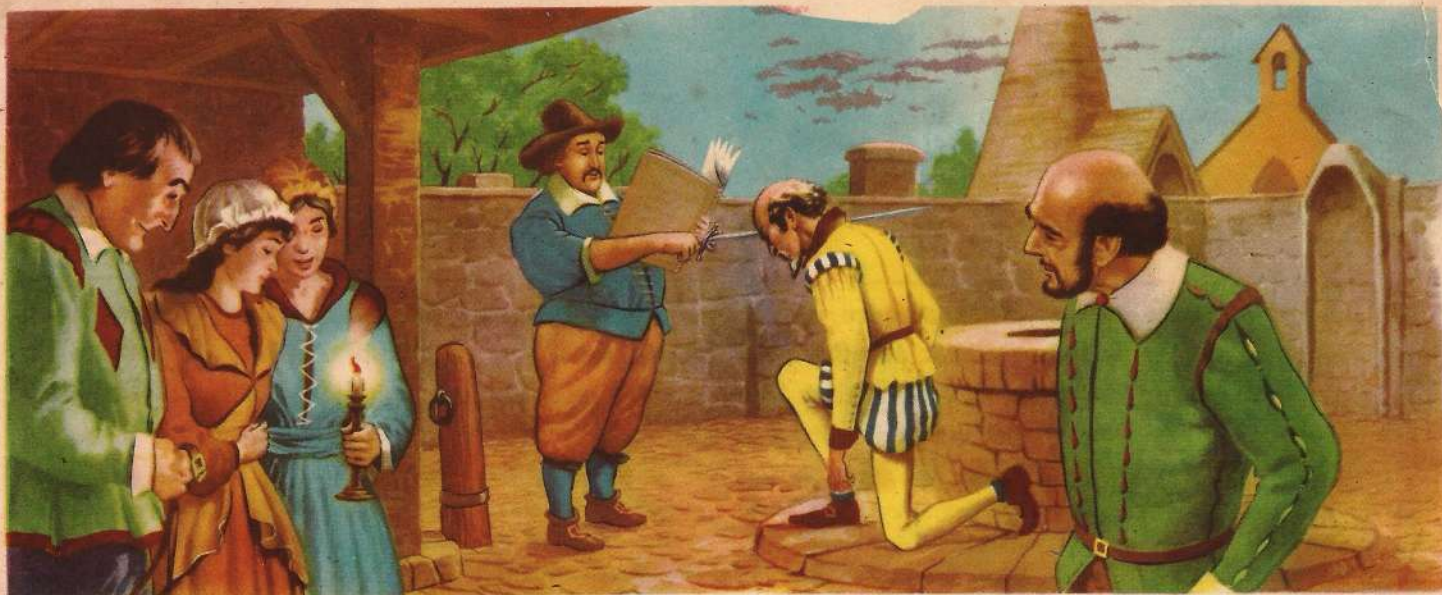
**Do imenso romance de Cervantes, sempre vivo e atual, hoje como há três séculos atrás, damos aqui, ligeiramente, apenas as linhas essenciais: uns leves traços, mas que espelham o profundo sentido da magistral e imortal obra, a fim de que o leitor fiquedesejoso de conhecer a inimitável beleza do original.**

Miguel de Cervantes Saavedra nasceu em Alcalá de Henares, Espanha, em 1547. Assentou praça e tomou parte em numerosos combates, entre os quais a célebre batalha de Lepanto. Capturado, mais tarde, pelos Turcos, foi escravo, durante cinco anos, do Rei de Argélia. Regressando à pátria, obteve um emprêgo público, onde se manteve por muito tempo, entre dificuldades financeiras e infinitas injustiças. Foi prêso várias vêzes, por acusações que sempre se revelaram infundadas, e foi atormentado, em quase tôda sua existência, por uma triste pobreza, que terminou, pode-se dizer, sòmente com sua morte, ocorrida em Madri, em 1616. Escreveu numerosos dramas e comédias em verso, (recordemos, apenas, "Pedro de Urdemalas" e "O Vigilante" e algumas obras em prosa: "A Galatéia" e "Novelas Exemplares"). Mas a sua obra máxima, aquela que fêz dêle o máximo escritor espanhol até hoje conhecido, e um dos maiores do mundo, é "El Ingenioso Hidalgo don Quijote de la Mancha", escrita entre 1600 e 1615. Um romance imenso, onde se movimenta e vive uma multidão de personagens, tôda a Espanha maltrapilha e esplêndida do século XVII, um mundo brilhante e perfeito qual um poema de Homero. Dom Quixote, o desventurado Cavaleiro do Ideal, o "Louco Sublime", como o denominou o nosso maravilhoso Bilac, representa o homem que não se rende nem se conforma ante a mísera realidade de seu tempo e que não se torna, nunca, ridículo, nem mesmo em suas mais desastradas aventuras, mas a sutil veia de humorismo que transparece em todo o livro é amarga e não alegra ninguém. Ainda hoje, após três séculos, a magra é triste figura de Dom Quixote, para nós, continua tão grande e viva como então. Símbolo eterno da loucura heróica, que a dura rispidez dos homens poderá achincalhar e fustigar mas nunca eliminar.

* * *

Num esquecido e sonolento povoado de Espanha, mais precisamente na região da Mancha, vivia um proprietário de terras — um *hidalgo*, como o chamavam naquele país — chamado Dom Quixote. Sua existência transcorria serena, em companhia de uma sobrinha e de uma velha-serva; tão tranqüila e tão livre de qualquer preocupação, que êle passava a maior parte de seu tempo trancado em casa, imerso na leitura. Infelizmente, sua preferência era para o pior gênero literário que então se poderia encontrar; ou seja, pelos livros de aventuras e cavalaria. E tão apaixonado estava por aquilo, que gastava, para adquirir tais livros, boa parte de suas rendas e, o que é pior ainda, ia enchendo a cabeça com fantasmagorias, com grave prejuízo para o bom-senso. Até que, exaltado pelas proezas de Amadis de Gaula e de Tirante, o Branco, resolveu tornar-se, êle próprio, cavaleiro errante e sair pelo mundo em fora, em busca de glória, matando gigantes e conquistando impérios. Sem nada dizer a ninguém, ajustou e poliu velhas armaduras e armas que conservava no sótão, adaptando a um morrião uma viseira de papelão; rebatizou o cavalo, um animal magro e cheio de

*Para Dom Quixote, agora todo embevecido em seus sonhos cavaleirescos, as proezas de Amádis de Gaula ou de Grifão, eram não sòmente críveis mas, também, exeqüíveis.. E, às vêzes, incitado pela leitura, desembainhava a espada e lançava golpes fendentes contra monstros imaginários.*

*— "Oh, era afortunada! Oh século venturoso, em que virão à luz meus famosos feitos!" Assim delirava Dom Quixote, ao sair, sorrateiro, numa bela madrugada de verão, rumo às sonhadas aventuras, montado em Rocinante.*

*As estalagens, na mente imaginativa de Dom Quixote, se transformavam em castelos, e as criadas em princesas. Assim, êle se sentiu honradíssimo em ser armado cavaleiro, por um estalajadeiro, no pátio de um albergue de província, entre almocreves e camponeses, que estouravam de rir.*

*Assim terminou a primeira aventura de Dom Quixote, prólogo de uma série de emprêsas, em que as cacetadas choviam como saraivadas nas costas do infortunado Cavaleiro da Triste Figura.*

*Enquanto Dom Quixote jazia no leito, todo moído de pancadas, que recebera em sua primeira incursão, sua sobrinha e seus amigos tratavam de queimar-lhe os nefastos livros de cavalaria.*

achaques, com o belo e sonoro nome de Rocinante. Finalmente, considerando que seu sobrenome era demasiado prosaico e pacífico, resolveu chamar-se Dom Quixote de la Mancha. Um cavaleiro que se respeite deve possuir uma dama que reine absoluta em seu coração, que lhe incuta ânimo para levar a têrmo as mais difíceis tarefas, que o faça delirar de amor, enfim, uma soberana espiritual a quem o herói possa oferecer os troféus de suas vitórias. Dom Quixote, após muito meditar sôbre o essencialíssimo detalhe, resolveu eleger senhora de seus sonhos uma camponesa de rosto aprazível, que vivia na vizinha aldeia de Toboso, e que, sùbitamente, viu seu nome plebeu, Aldonza Cocuelo, transformado no suavíssimo Dulcinéia.

Concluídos os preparativos, sempre sob o máximo sigilo, o nosso herói esgueirou-se, um belo dia, antes do sol nascer, por uma portinha lateral de seu jardim, armado e a cavalo, rumo ao seu extraordinário mundo de sonho. Depois de um dia de marcha pelos campos desertos, sob o ardor da canícula, chegou a uma solitária estalagem, que ao seu cérebro conturbado surgiu qual um castelo de torreões. Os labregos e os almocreves que ali estavam hospedados ficaram espantados com o aspecto bizarro do novo hóspede e ainda mais com o seu linguajar, todo repleto de reminiscências cavalheirescas. Julgaram-no doido — e não se enganavam de muito — e divertiram-se a valer, ao receberem requintadas alocuções, como se fôssem damas e fidalgos de alta estirpe. Enquanto marchava pelos campos, Dom Quixote lembrara-se de que ainda não tinha sido armado cavaleiro, por isso chamou de lado o castelão, isto é, o estalajadeiro, e pediu-lhe que êle próprio providenciasse a investidura. O sagaz hoteleiro, que compreendera, sem dúvida, com quem estava lidando, prestou-se de bom grado à brincadeira, pensando, também, em livrar-se quanto antes de um hóspede pouco desejável. A cerimônia ocorreu, assim, na cocheira, à luz de velas, entre os olhares admirados dos cavalos e os risos mal contidos das pessoas presentes. O único sério, ali, era Dom Quixote, que, compenetrado, ouviu com muita atenção as preces quase latinas, murmuradas pelo estalajadeiro, e recebeu, de joelhos, o toque de espada no ombro esquerdo. Isto feito, ao novo cavaleiro foi perguntado se trazia dinheiro consigo, isso dito com muito tacto, mas, êle, com invejável candura, respondeu que jamais lera em livro algum que os cavaleiros errantes levassem consigo dinheiro. O estalaja-

*Resolvido a voltar a campo, Dom Quixote conseguiu convencer um bom camponês, Sancho Pança, a servi-lo na qualidade de escudeiro, prometendo-lhe a posse da primeira ilha que conquistasse.*

*A investida de Dom Quixote contra os moinhos de vento, que a êle pareciam ferozes gigantes, é um pouco o símbolo de tôdas as suas aventuras, de sua heróica loucura, sempre em luta contra a prosaica realidade quotidiana.*

deiro não se zangou e limitou-se a aconselhá-lo que, para o futuro, não mais saísse desprevenido, garantindo-lhe que todos os guerreiros costumavam ter uma bôlsa bem recheada, pendurada ao arção, e que, se os livros não faziam referência a isso, era porque se tratava de coisa de somenos importância.

Quando, no dia seguinte, Dom Quixote encontrou-se novamente cavalgando pelos prados, seus anseios de aventuras estavam mais sólidos do que nunca. E eis que, enquanto ruminava entre si inimagináveis triunfos, viu que vinha ao seu encontro uma comitiva de cavalariços. Aquilo lhe pareceu, naturalmente, um bando de guerreiros sarracenos e, por isso, ficanto erecto nos estribos, apostrofou-os com violência:

— Que ninguém se mova, se todo o mundo não confessar que não existe dama mais formosa que a imperatriz do universo, a incomparável Dulcinéia del Toboso!

O estilo retumbante e empolado era aquêle dos livros de cavalaria, mas os cavalariços limitaram-se a sorrir zombeteiramente, mofando da estranha figura do nosso herói, e prosseguiram seu caminho. Furioso, Dom Quixote atirou-se contra êles, de lança em riste, mas o pobre Rocinante, pouco habituado ao galope, tropeçou e tombou ao solo, juntamente com seu dono. Sem perda de tempo, um dos rapazes da comitiva foi para cima do desventurado cavaleiro, e, partindo-lhe a lança em duas partes, surrou-o valentemente, deixando-o caído, cheio de equimoses, todo dolorido.

E, assim, o pobre Dom Quixote, queixando-se dèbilmente, permaneceu sòzinho, incapaz de montar novamente a cavalo. Felizmente para êle, passou por ali um camponês de sua aldeia, que o pôs sôbre a mula e reconduziu-o a casa, envergonhado e em péssimas condições físicas.

Destarte, de maneira bastante ignominiosa para um cavaleiro andante, encerrou-se a primeira incursão de Dom Quixote. Todavia, a desdita não serviu para abater-lhe o ânimo e, até, durante os dois ou três dias que transcorreu acamado, meditou longamente sôbre seu futuro e resolveu, sem mais perda de tempo, que urgia contratar um escudeiro. Mal restabelecido da surra, foi procurar um campônio seu conhecido, um certo Sancho Pança, que parecia corresponder ao que desejava. Falou longamente, em segrêdo, com o bom homem (que era tão simples de alma quanto maciço de

*Dom Quixote liberta um grupo de sentenciados e pede-lhes, como recompensa, que vão prestar homenagem a Dulcinéia, mas obtém, apenas, pancadas e pedradas, que atingem também as costas de Sancho Pança e do pobre Rocinante.*

*A bacia de latão, que um barbeiro do Interior pusera na cabeça, a fim de proteger-se da chuva, torna-se, para Dom Quixote, o elmo de Mambrino. Tira-a das mãos do infeliz e mete-a, orgulhosamente, na própria cabeça.*

*A loucura de Dom Quixote era tamanha que o impeliu a desafiar um leão, que estavam levando como dádiva ao rei da Espanha. Felizmente, ante o pavor de Sancho Pança e dos presentes, o leão recusou-se a sair da jaula.*

*O ápice da glória de Dom Quixote foi atingido quando êle, hospedado no castelo de um duque, que desejava divertir-se à custa de nosso herói, se viu tratado como um autêntico cavaleiro errante.*

*A Sancho, o duque entregou o govêrno da ambicionada ilha, mas o bom aldeão encontrou-se muito a contragosto, quando um falso médico lhe impediu de comer o que desejava.*

corpo). Fêz passar ante os olhos espantados do campônio a miragem de fantásticas aventuras, comprometendo-se, mesmo, a entregar-lhe o govêrno da primeira ilha que conquistassem, mercê do valor de seus braços. O bom Sancho acreditou sinceramente que encontrara, finalmente, uma boa oportunidade na singular tarefa que o outro lhe oferecia e concordou imediatamente em partir.

Assim, numa bela manhã, não muito distante daquela tão famosa de sua primeira sortida, Dom Quixote retomou o rumo dos campos, seguido, desta vez, por Sancho, montado num asno. Após algumas horas de trote, ambos chegaram a avistar um grupo de moinhos de vento, que se destacavam ao longe, na linha do horizonte, imóveis como tôrres.

— Veja você, ó Sancho! — exclamou Dom Quixote, assim que os vislumbrou. — Está vendo, lá no fundo, trinta imensuráveis gigantes que ousam atravessar-me o caminho? Ponha-se de lado, e fique rezando, porque eu pretendo enfrentá-los e combatê-los até ficarem, prostrados ou acorrentados, em meu poder.

Sancho estava vendo, apenas, moinhos e procurou convencer disso o amo, mas Dom Quixote já estava distante, galopando, de cabeça baixa e lança em riste. Para sua infelicidade, justamente quando chegava perto do primeiro moinho, êste recebeu uma rajada de vento e começou a rodar suas pás; a lança do cavaleiro enroscou-se numa delas de tal maneira que cavalo e cavaleiro foram erguidos ao ar e arremessados para longe. Acorreu logo Sancho para junto do amo, ainda tonto pelo vôo inesperado e respectiva queda, e disse-lhe que bem o prevenira de que aquilo eram moinhos e não gigantes, mas o incorrigível Dom Quixote, com um fio de voz, respondeu que sòmente a perversidade e a feitiçaria de seus inimigos pudera operar aquela transformação, pois êle estava bem certo de que se tratava de gigantes de carne e osso.

Como primeira aventura, não estava mal, mas se tratava apenas do início de uma série de extraordinárias emprêsas, em que o bom do Sancho Pança se encontrou em luta contra a desenfreada fantasia de seu senhor, que via monstros e guerreiros por tôda parte, louros infindos, sem o mínimo respeito pela prosaica realidade. E tôdas as aventuras terminavam do mesmo modo: trambolhões e cacetadas, que cobriam de equimoses os dois obstinados caçadores de glórias. O mesmo aconteceu quando Dom Quixote atacou um rebanho de carneiros, certo que se tratava de um poderoso exército, no qual julgava reconhecer — e enumerava-os ao estarrecido Sancho — os maiores guerreiros. E nem melhor sucesso tiveram, quando o nosso impagável cavaleiro libertou um grupo de condenados, que eram conduzidos às galés. À intimação de Dom Quixote, que pretendia libertá-los e enviá-los, todos, a Dulcinéia como homenagem, responderam com vaias e pedradas. E assim ocorreu por inúmeras vêzes. O tenaz otimismo dos dois parceiros, perdidos em seus sonhos cavaleirescos (embora Sancho não estivesse muito convicto da magnitude de sua missão) esbarrava continuadamente contra o estúpido bom-senso dos homens. Tal como sob os mágicos dedos do rei Midas, tôdas as coisas se transfiguravam, para Dom Quixote, e todos os fatos, mesmo os mais comuns e banais, assumiam proporções legendárias. E nem se diga que êle não via a realidade como era, nada disso! O que êle não se conformava era reduzi-la às suas justas proporções, à banal objetividade do mundo comum, pois desejava viver em seu maravilhoso universo cavaleiresco, qual uma criança que faz de um jardim uma floresta e de um pau uma luzidia espada. Quando êle arranca das mãos de um pobre barbeiro de província sua bacia nova de latão

e a mete na cabeça, orgulhosamente, declarando, com ênfase, que se trata do elmo de Mambrino, admirado em todo o mundo, comporta-se exatamente como um menino que esteja brincando de guerra; quando salta, de espada desembainhada, para o palco de um teatrinho de fantoches, que representam uma comédia cavaleiresca, e arrasa com os bonecos, não é mais culpado do que um menino que pretende ver a realidade em seu mundo de fantasia.

De aventura em aventura, Dom Quixote e Sancho Pança, alegoria viva da heróica loucura e do calmo bom-senso, batiam as estradas de Espanha, já por todos conhecidos, ora injuriados e surrados pelos que apenas lhes mediam as proezas com o metro usual, ora assecundados e bem recebidos por aquêles que se divertiam com seus extraordinários achados. Chegando à mansão de um rico e alegre fidalgo provinciano, que os conhecia pela fama, acreditaram ter, finalmente, encontrado o lugar sonhado. A Dom Quixote, foram tributadas honrarias dignas de um verdadeiro cavaleiro andante, e a Sancho foi entregue o govêrno de uma ilha. Esta era, na realidade, uma aldeia de propriedade do senhor, uma ilha de terra firme (como foi explicado a Sancho), e onde o bravo escudeiro experimentou, durante três dias, os aborrecimentos e as angústias do poder, perdendo, duma vez por tôdas, a gana de exercitá-lo. Mas, no entanto, alguém se preocupava em reconduzir o desventurado Cavaleiro da Triste Figura para os trilhos do bom-senso: o cura de sua aldeia, um seu velho amigo, e um jovem bacharel, chamado Sansão Carrasco. Um dia, passeando pelas praias de Barcelona, Dom Quixote viu-se à frente de um guerreiro, todo encerrado em sua armadura, de viseira calada: era o Cavaleiro da Branca Lua — assim se apresentou o forasteiro —, que desafiava o nunca assaz louvado Cavaleiro dos Leões, para uma disputa mortal. O embate foi rápido: a lança do desconhecido, que, todavia, a conservava inexplicàvelmente levantada, bateu no elmo de Dom Quixote e derrubou-o. Com a ponta da espada apoiada à garganta do inimigo prostrado, o Cavaleiro da Branca Lua ditou suas condições: Dom Quixote deveria afastar-se por um ano de sua terra natal, sem tocar em armas nem preocupar-se de maneira alguma com aventuras cavaleirescas. Depois, o vencedor montou de novo a cavalo e retirou-se, sem mostrar o rosto, que revelaria ao desventurado cavaleiro as muito conhecidas feições do bacharel Sansão Carrasco, o autor daquele simulado duelo.

E, dessa maneira, triste e taciturno, Dom Quixote retornou aos seus sossegados pagos, seguido por um escudeiro desiludido e ainda mais abatido que o amo. A vida, para o ótimo Dom Quixote, voltou a ser o que era antes de sua furiosa febre cavaleiresca, ou seja, a vida plácida de um honesto fidalgo de província. Por pouco tempo, porém, pois sua última dura experiência deixara-o ìntimamente abalado, de tal forma que caiu gravemente enfêrmo. Talvez foi a febre ou quiçá a intervenção divina, mas surgiu o milagre que tantos não haviam conseguido realizar, embora muito sofressem com a estranha loucura do seu grande amigo. Uma certa manhã, Dom Quixote despertou com a mente lúcida e clara, percebeu seu demorado engano e teve pena de si mesmo. Era o fim: pouco depois, a morte encerrava para sempre, com um sereno epílogo, a aventura terrena do último cavaleiro errante.

*Amarrado entre dois escudos, o pobre Sancho dirige suas tropas em combate (combate simulado, está visto). Tal experiência bastou para tirar-lhe tôda e qualquer veleidade de governar.*

*O bacharel Carrasco, amigo de Dom Quixote, no intuito de curá-lo, faz-se passar pelo Cavaleiro da Branca Lua, e, após derrubá-lo, fá-lo jurar que permaneceria em casa durante um ano.*

*Não sobreviveu por muito tempo, Dom Quixote, em sua nova condição: arrefecido o ardor cavaleiresco, êle expirou cristãmente entre seus entes queridos, chorado, mais do que todos, pelo seu fidelíssimo Sancho Pança.*